

# Maria Salghetti

Enfermeira formada em Milão no ano de 1970, voluntariou-se para apoiar a FRELIMO na área da saúde. Em 1971 trabalhou no hospital da FRELIMO em Mtwara onde ensinava enfermagem básica. Após a independência de Moçambique foi Monitora-Chefe nos Institutos de Formação de Saúde da Beira e de Maputo. Foi posteriormente nomeada Supervisora de Enfermagem do Hospital Central de Maputo pelo então Ministro da Saúde Hélder Martins. Em 1981, foi indicada como intérprete do presidente Samora Machel durante as ocasiões informais, na viagem feita à Itália. Actualmente encontra-se a trabalhar como voluntária em uma associação comunitária na periferia de Maputo que se ocupa de crianças e famílias vulneráveis.

Maputo, 06 de Setembro de 2022

**P: Em 1970 entrou em contacto com Sílvio Pampiglione e mostrou-se disposta a realizar um período de voluntariado nas unidades de saúde da FRELIMO na Tanzania. Poderia nos explicar como é que surgiu o seu interesse em trabalhar com a FRELIMO na Tanzânia?**

**MS:** É porque eu estava num determinado momento da minha profissão. Era recém-diplomada de um curso de chefia de enfermagem e estava à procura de trabalho em Milão. Além disso, estava num momento político de grande fermento na Europa. Os estudantes e os jovens estavam todos a reivindicar valores de tipo socialista. Então, quando o professor Pampiglione fez uma palestra sobre o movimento de libertação de Moçambique eu fiquei a conhecer a situação de Moçambique como colónia e até fiquei admiradíssima que ainda existissem colónias. Ele finalizou dizendo que precisavam de muito apoio na área da saúde, inclusive de pessoal, sobretudo para formação de quadros moçambicanos. Então, eu fui contactá-lo pessoalmente e ele me pôs em contacto com Reggio Emilia, com o Doutor Soncini<sup>1</sup>. Então, dali é que começámos a organizar a minha vinda. A minha ideia era ficar um ano e pensei: “Vou fazer uma experiência diferente de um ano e depois vou ver”. Ainda tinha vinte e quatro anos, tinha toda a vida pela frente. Foi assim que começou a minha ligação com Moçambique.

---

<sup>1</sup> **Giuseppe Soncini** (1926 - 1991) foi um político italiano. Ele era um membro do Partido Comunista Italiano e uma figura de liderança no governo da cidade de Reggio Emilia, no norte da Itália. Nesta posição, ele promoveu ligações entre Reggio Emilia e os países da África Austral, em particular os movimentos anticoloniais e anti-*apartheid*. Por este trabalho ele recebeu postumamente o prémio da Ordem dos Companheiros de O. R. Tambo pela presidência sul-africana.

**P: Quando é que chegou às zonas libertadas da FRELIMO? Que função desempenhou quando chegou lá?**

**MS:** Eu cheguei à Tanzania no fim de Julho de 1971, com uma delegação chefiada pelo professor Pampiglione, do hospital de Reggio Emilia que tinha gemelagem com o hospital da FRELIMO. Depois de chegar lá, a primeira preocupação foi de aprender português. Então fui para o Campo Educacional de Bagamoyo, Escola Secundária da FRELIMO e ali fiquei três semanas. Frequentava as aulas da escola secundária e aprendi português ali. No fim de Agosto fui para Mtwara, hospital da FRELIMO que era recém-construído, tinha um ano, mais ou menos. Ali o meu papel foi, sobretudo, formar enfermeiros para as zonas libertadas e para a FRELIMO em geral. Então, foi organizado um curso de oito ou nove meses. Como ali havia dois médicos búlgaros que estavam a trabalhar no hospital da FRELIMO, com eles e com o Aurélio Manave<sup>2</sup> que era o Director da área de saúde da FRELIMO, organizámos este curso que foi repetido duas vezes, enquanto eu estava lá. A minha tarefa era sobretudo de formação, mas também de trabalho no hospital.

**P: Qual foi a impressão que teve quando chegou no hospital de Mtwara? Qual era o cenário naquele período?**

**MS:** Era um hospital recém-construído, tinha tudo que era necessário, apesar de muito básico, para tratar os doentes. Portanto, vi a possibilidade de desenvolver a minha tarefa como deve ser. A impressão era que os que já trabalhavam ali não tinham uma formação adequada, tinham aprendido trabalhando, tinham alguns hábitos que era preciso melhorar, modificar e depois dar-lhes a parte teórica. Tive uma impressão positiva também, porque o ambiente era muito aberto, em relação a mim e todos estavam muito desejosos de aprender, faziam perguntas continuamente e eram muito abertos não somente sobre a saúde, mas sobretudo, sobre a Europa, sobre a minha vida. Fui muito bem acolhida, nunca me senti uma pessoa de fora.

**P: Quem foram as pessoas com quem teve um primeiro contacto quando chegou às bases da FRELIMO?**

**MS:** Quando chegámos o primeiro contacto foi com - eu chamo todos de camaradas, mas agora têm outros títulos importantes - camarada Chissano<sup>3</sup> que nos veio buscar ao aeroporto, quando chegámos lá. Depois conheci, logo no início, a camarada Janet Mondlane<sup>4</sup> que era Directora do Instituto Moçambicano, camarada Marcelino dos Santos<sup>5</sup> que nos recebeu também na sua casa e entre outros camaradas. Depois em Mtwara estava o Director da Saúde que era Aurélio Manave que depois foi Governador de Niassa, estava o Leonardo Cumbe, o Chaúque, camaradas com quem

---

<sup>2</sup> **Aurélio Benete Manave** – (Massiene, Chonguéne, Xai-Xai 21 de Fevereiro de 1936) Veio para Maputo concluir o ensino primário, onde teve alguns trabalhos até ingressar na Escola de Enfermagem, onde fez o curso de dois anos, concluído em 1954. Aí conheceu Samora Machel. Fogr para a Tanzania em 1964, um ano após Machel, juntamente com outros 3 colegas enfermeiros. Após um ano chega a Dar-es-Salaam e fica ligado ao Departamento da Saúde da Frelimo.

<sup>3</sup> **Joaquim Alberto Chissano** (Malehice, Chibuto, Gaza, 22 de Outubro de 1939) é um político moçambicano, veterano da luta armada da Frelimo, foi primeiro-ministro do Governo de Transição e depois da proclamação da independência de Moçambique é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi o segundo presidente de Moçambique de 1986 a 2005.

<sup>4</sup> **Janet Rae Johnson Mondlane** (Illinois, 1935) é viúva de Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro Presidente da Frelimo e um dos seus fundadores.

<sup>5</sup> **Marcelino dos Santos** (Lumbo, 20 de Maio de 1929) é um político e poeta moçambicano. Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, onde chegou a vice-presidente. Depois da independência de Moçambique, é o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento, cargo que deixou em 1977 com a constituição do primeiro parlamento do país (nessa altura designado “Assembleia Popular”), do qual foi presidente até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994.

vivi, a Rosária Tembe<sup>6</sup> que depois foi secretária da OMM<sup>7</sup>, Deolinda Guezimane<sup>8</sup>, o Bonifácio Gruveta<sup>9</sup> que era Director do Campo de Tunduru e muitos outros.

**P: Quanto a esse processo que estava a explicar antes, da fabricação de próteses, que Amândio Chongo esteve na Itália com outros colegas, pode esclarecer?**

**MS:** Sim. O Hospital de Reggio Emilia tinha esta gemelagem com o Hospital Central de Cabo Delgado, mas na prática era gemelagem com o Hospital Américo Boavida de Mtwara, porque em Cabo Delgado o hospital da Frelimo era uma palhota e às vezes devia ser evacuado, porque era alvo de ataques. Então, nós tivemos um grande apoio de Reggio Emilia. Primeiro, eles construíram macas desdobráveis para transporte de feridos, porque o problema era trazer os feridos das zonas libertadas até à fronteira, para depois a nossa ambulância ir buscá-los ao rio Rovuma, na fronteira, para levá-los para o hospital. Portanto, estas macas foram uma novidade e foram muito úteis, porque os feridos podiam ser deitados e levados.

Depois enviaram um técnico de próteses que mediu as próteses de perna a muitos pacientes ou guerrilheiros que tinham sofrido uma explosão de minas antipessoais e tinham perdido uma perna. Eles foram chamados das zonas libertadas e dos campos do exterior e vieram para Mtwara. Então, este técnico ficou lá, penso por três semanas ou mais, a medir cada prótese e a fazer o molde em gesso. Depois levou esse material para Reggio Emilia e lá fabricaram as próteses que foram enviadas de novo para Mtwara e foram distribuídas. Entretanto, três camaradas guerrilheiros amputados, foram para Reggio Emilia e aprenderam a fazer a manutenção das próteses. Então, quando eles voltaram ficaram a trabalhar nisso. Quando as próteses tinham algum problema eram esses companheiros que sabiam arranjar. Isso foi um programa muito útil, porque ter uma prótese significa voltar, praticamente, quase ao normal, porque um amputado sai com uma deficiência grave.

Além disso, Reggio Emilia mandou muitos medicamentos, de vários tipos, conforme os nossos pedidos. Depois acolheu moçambicanos lá para formação em saúde. Foram formados, penso que um enfermeiro, um técnico de farmácia e este das próteses e depois voltaram e trabalharam.

**P: Falou do processo de gemelagem entre o hospital Américo Boavida e o Hospital de Reggio Emilia. Nesse processo houve alguns outros italianos que vieram a Moçambique? Como é que isso decorreu no terreno, nos primeiros dias?**

**MS:** Eles vieram visitar quer o hospital de Mtwara, quer o campo de Tunduru e depois foram também para as zonas libertadas com o Director do Hospital de Reggio Emilia, para ver a vida que

---

<sup>6</sup> Rosária Tembe foi Secretária para Informação da Frelimo e não foi Secretária Geral da OMM.

<sup>7</sup> OMM – Organização da Mulher Moçambicana é a secção feminina da FRELIMO. Fundada em 1973, durante a Guerra de Independência de Moçambique, em reconhecimento dos papéis crescentes das mulheres no conflito contra o colonialismo português, a OMM foi criada como uma estrutura não militar para promover a educação, emancipação e mobilização das mulheres. Após a independência em 1975, a OMM centrou-se em questões relacionadas com a educação das mulheres, a divisão étnica, o divórcio, o planeamento familiar, o amantismo (adultério e promiscuidade), a prostituição e o alcoolismo. Em 1990, o OMM votou para se separar da FRELIMO, embora pouco tempo depois, a organização tenha se reafiliado.

<sup>8</sup> Deolinda Guezimane Natural da Província de Sofala junta-se à Frente de Libertação de Moçambique em 1965. É combatente da Luta Armada de Libertação Nacional, membro do Destacamento Feminino e membro fundador da OMM. Foi a primeira Secretária-Geral da OMM (1973/1976). Coronel na Reserva, Deolinda Guezimane é membro do Conselho de Estado, membro de honra da OMM e é membro do Comitê Central de FRELIMO.

<sup>9</sup> Bonifácio Massamba Gruveta (Namacata, 6 de Junho de 1942 – Maputo, 28 de Setembro de 2011) Membro do Comité Central desde o II Congresso da FRELIMO foi comandante das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) durante a luta de libertação. General na reserva foi o primeiro Governador da província Zambézia após a independência nacional de Moçambique. Também ocupou o cargo de primeiro Secretário-Geral da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional. Foi deputado do Parlamento moçambicano e pertencia ao Conselho de Estado Moçambicano.

se desenvolvia lá. Eles deram voltas aos campos e tiveram relações com os guerrilheiros, consolidando-se uma relação, ao verem as necessidades reais.

**P.: Estivemos a falar antes que se estava num período de guerra em que a segurança ainda não era muito forte, principalmente, nas bases da FRELIMO na Tanzania. Esteve a explicar a situação dos alunos terem de ir para o mato à noite e de dia voltarem.**

**MS:** Depois da operação Nó Górdio<sup>10</sup> e um tempo depois, não quero errar, mas os campos, quer de Tunduru, quer de Mtwara foram identificados pelos aviões de reconhecimento portugueses. Então, a partir dali foram construídas trincheiras nos dois campos. Em Tunduru que era um campo educacional que hospedava cerca de mil crianças e tinha escola até à quarta classe foram construídas também trincheiras que davam para o mato. Em caso de bombardeamento, as crianças deviam fugir. Mas como a maior parte das crianças eram pequenas, pensámos que não havia possibilidade delas fugirem rapidamente. Então, foi organizada a vida para que de madrugada as crianças fossem para o mato a pé e ficavam lá todo dia a estudar. Tinham clareiras onde se sentavam no chão e estudavam com o professor ali e à noite voltavam. Fazia-se comida ali, mata-bichavam e almoçavam lá e depois voltavam. Penso que o jantar já era no campo. Ao pôr-do-sol voltavam para o campo. Isso todos os dias, por meses e meses.

**P: Em 1972 conheceu a delegação política da região de Emilia Romagna que visitou as zonas libertadas de Moçambique. Como foi essa visita e a que se devia?**

**MS:** O objectivo dessa visita foi mostrar a fase da luta de libertação, o facto de que já existiam zonas libertadas seguras, até ao ponto de se levarem delegações para visitar e que existia também uma vida social diferente da colonial, portanto, com cooperativas de produção e de comércio. Mostrar também as unidades sanitárias que eram muito pequeninas, modestas, mas existiam, as escolas e o infantário que existia em Cabo Delgado e, portanto, motivar mais os de Reggio Emilia a continuar a colaborar e a dar o apoio à Frelimo, o que era essencial.

**P: Ainda se lembra quem compunha essa delegação?**

**MS:** Bom, com certeza o responsável dessa delegação era o Guisepe Soncini que era o Presidente do Hospital de Reggio Emilia. Os outros, não me lembro. Sinto muito. Eu estava em Mtwara e estava a trabalhar e eles só passaram por ali, não ficaram muito tempo. Ficaram, uma ou duas noites e depois foram para as zonas libertadas. Portanto, não tive assim muita convivência com eles.

**P: Voltando para 1971 quando estive no hospital de Mtwara, diz que leccionou por cerca de oito meses. Que tipo de conteúdos ensinava?**

**MS:** Eu ensinava enfermagem básica, mas o meu papel era também de apoiar os médicos búlgaros que também tinham chegado há pouco tempo, a expressarem-se de uma forma compreensível. Eles falavam português, mas um português muito particular. Então, depois das aulas eu ficava com os alunos e esclarecia todas as dúvidas, porque os alunos punham as dúvidas para eles, mas eles

---

<sup>10</sup> A **Operação Nó Górdio** foi a maior e mais dispendiosa campanha militar Portuguesa em Moçambique. Decorreu em 1970, durante a Guerra Colonial Portuguesa (1961 - 1974). Os objectivos desta campanha consistiam em erradicar as rotas de infiltração das guerrilhas independentistas ao longo da fronteira com a Tanzânia e destruir as suas bases permanentes em Moçambique. A Nó Górdio durou sete meses, mobilizou no total trinta e cinco mil militares. A Nó Górdio foi lançada sob ordens de Kaúlza de Arriaga, comandante-chefe e executada pelo Comando Operacional das Forças de Intervenção (COFI).

repetiam a mesma frase do texto que eles liam, para responder à pergunta. Então, não conseguiam esclarecer, aprofundar e eu estava lá para fazer este trabalho. Os conteúdos eram: enfermagem básica, também apoiei um médico búlgaro um pouco em anatomia e fisiologia. Um médico búlgaro dava traumatologia de urgência e ele era ótimo. Como a esposa era pediatra, dava a parte das mulheres e crianças, pediatria e um pouco de obstetrícia.

**P: Como é que se chamavam?**

**MS:** Era o Dr. Slavov e a mulher era a Dra. Slavova. Tinham duas crianças e tinham uma casa fora do campo. Mas quando eram chamados vinham imediatamente. Estavam 24 horas de chamada. Foram extraordinários, muito bons.

**P: Ainda se lembra de italianos nesse processo (nomes concretos), por exemplo, nomes de italianos que estiveram consigo nos campos das zonas libertadas, ou nas bases de Mtwara e Tunduru?**

**MS:** Não ficavam fixos, só houve este técnico de próteses que se chamava Montorsi. Outros italianos nunca ficaram nos campos. Houve um que esteve em Bagamoyo, mas não me lembro do nome, saiu antes de eu chegar. Era um professor na escola secundária e fazia pequenos laboratórios práticos para os alunos, mas não me lembro como se chamava, porque eu nem me cruzei com ele. Só ouvi dos camaradas que havia este senhor.

**P: Depois da independência de Moçambique esteve a trabalhar nos Institutos de Formação de Saúde da Beira e de Maputo. Depois disso trabalhou no Hospital Central de Maputo. Pode explicar este processo, o que fazia nos institutos? Quando passa para o Hospital Central que actividade é que desenvolvia?**

**MS:** No Instituto da Beira fui monitora-chefe, no momento em que se deu a independência. Cheguei lá em Abril de 75 e fiquei até Setembro. Era um momento em que os cursos tiveram alterações, porque passaram do programa do tempo colonial para cursos diferentes que programámos. O meu papel era de organizar a parte de monitores, das aulas, dos alunos, estágios... e os alunos estavam muito entusiasmados pela independência, estavam todos felizes com a independência, muito motivados. Foi uma experiência bonita.

No Maputo também foi bonito. Também era chefe e o trabalho era o mesmo, somente o Instituto era muito maior, era o maior do país. Para além disso, havia uma afluência de alunos muito superior. As salas de aula eram utilizadas de noite como dormitório e de dia para sala de aulas. Púnhamos colchões no chão de noite e de dia tiravam-se os colchões e depois davam-se as aulas.

O internato estava cheio e foi difícil, porque os alunos naquela altura não escolhiam os cursos de saúde, eram indicados e vinham de todas as escolas do país. Havia alunos com quarta classe. Os cursos exigiam quarta ou sexta classe. Eram alunos que vinham de zonas rurais ou semi-rurais de Moçambique, das cidades capitais provinciais que não eram como agora, eram pequeníssimas, eram zonas rurais. Então, para eles penso que foi muito difícil chegar a uma grande cidade como a nossa e estar no meio de pessoas que não falavam a língua deles, porque eles vinham do Niassa, de Cabo Delgado, de Tete, da Zambézia, de todo lado e a orientação que tínhamos era que deviam ser misturados, para criar um sentimento de unidade nacional. Então, no internato em cada quartinho púnhamos alunos de diferentes proveniências e não permitíamos que dentro do Instituto se falassem línguas locais, para toda gente se compreender, para não haver mal entendidos. Então, todos deviam falar português, mas penso que para eles não foi nada fácil e também porque não

tinham escolhido a carreira da Saúde. Mas depois penso que conseguimos, porque depois de anos andando pelo país encontrei-os a trabalhar e estavam a trabalhar bem.

**P: Como é que chega ao hospital Central de Maputo?**

**MS:** Eu cheguei ao Hospital Central, porque quando o camarada Presidente Samora<sup>11</sup> fez o discurso para a reestruturação do hospital criou uma comissão para a reestruturação e eu fui nomeada para ser membro da comissão. Fiquei responsável pelos conselhos de base e era trabalho que levava mais tempo no hospital, porque devia reunir com os trabalhadores, fazer eleições, explicar o que era um conselho de base, presidir às eleições dos membros do conselho e depois supervisionar o funcionamento desses conselhos. Já não conseguia tomar conta bem do Instituto ao mesmo tempo. Então, o Ministro Hélder Martins<sup>12</sup> decidiu nomear-me supervisora de enfermagem do Hospital. Ali já estava no mesmo sítio. Foi este o meu trabalho no hospital, para além da organização dos serviços de enfermagem.

**P: Com quem trabalhou nesse período? Havia italianos a trabalharem consigo no Hospital Central?**

**MS:** No Hospital Central havia italianos, sim, não sei se interessa com os nomes, mas, por exemplo, havia um médico que era anestesista e que foi responsável dos serviços de urgência e reanimação e foi professor na Faculdade de Medicina, de farmacologia. Organizou muito bem os serviços de urgência e reanimação. Havia, naquela primeira fase, um grupo de pediatras e ginecologistas provenientes de um hospital de uma cidade de Trieste, um deles ainda está a viver cá. Havia dois cirurgiões, um casal que, infelizmente, faleceram aqui os dois no Bilene, na praia. Depois houve enfermeiros também, enfermeiros especializados em anestesia e em instrumentação -sala de operações. Também no Instituto houve uma monitora italiana que casou e teve uma criança aqui. Penso que me esqueci de alguns, mas os que me lembro mais, são estes.

**P: Nesse período do Instituto da Beira, de Maputo e até do Hospital Central que dificuldades ou desafios enfrentou?**

**MS:** Os desafios foram enormes, porque todas as tarefas que eu recebia, como responsável destes vários locais, eram para além das minhas experiências anteriores e das minhas competências. Eu tirei o curso de chefia na Itália, mas não se compara com aquilo que era necessário fazer aqui. Portanto, as dificuldades eram sempre de ter a impressão de estar a fazer coisas muito para além da minha capacidade. O segredo que eu encontrei foi criar boas equipas de trabalho, o que ajuda muito. A troca de experiências e o apoio mútuo consegue ultrapassar quase todas as dificuldades, isso sem dúvida.

---

<sup>11</sup> **Samora Moisés Machel** (Chilembene, Gaza, 29 de Setembro de 1933 — Mbusini, Montes Libombos, 19 de Outubro de 1986) Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique liderou a Guerra da Independência de Moçambique como Presidente da FRELIMO e tornou-se o seu primeiro Presidente da República após a sua independência. Faleceu num desastre de avião em Mbusini, África do Sul, cujas causas permanecem até hoje inconclusivas.

<sup>12</sup> **Helder Martins**, moçambicano, nasceu em Maputo. Em 1953, foi estudar Medicina em Lisboa, onde se formou em 1961. Foi um activista estudantil na Comissão Pró-Associação da Faculdade de Medicina e na Casa dos Estudantes do Império. Foi um militante activo contra o fascismo e o colonialismo. Incorporado no serviço militar obrigatório na Marinha, desertou em Novembro de 1961, tendo ido para o Tanganica (hoje Tanzânia) onde foi aceite na UDENAMO. Foi fundador da FRELIMO. Participou na luta de Libertação Nacional do seu país, tendo sido Director dos Serviços de Saúde da FRELIMO. No imediato pós-Independência foi Ministro da Saúde durante 5 anos. Foi funcionário sénior da OMS, onde depois de reformado, participou e dirigiu vários Comitês de Especialistas. Foi docente em Saúde Pública em vários países. É Doutor Honoris Causa em Ciências da Saúde e Educação.

**P: Trabalhou em alguns distritos aqui de Moçambique, fora o Hospital Central e dos institutos?**

**MS:** Eu trabalhei em Chimoio, porque depois aqui, em Maputo, tirei um curso de epidemiologia no centro da OMS. Então, passei para a medicina preventiva a um certo ponto e trabalhei no Centro de Profilaxia e Exames Médicos.

Depois fui para Chimoio onde fui responsável pelo programa de nutrição da província e trabalhava muito nos distritos, para organizar a avaliação nutricional das crianças. Era membro da comissão de emergência da província e por isso devia identificar, através de investigações sobre as crianças e do seu estado nutricional, os lugares que mais precisavam de apoio alimentar. Íamos às aldeias e fazíamos as medições de peso e altura das crianças, definíamos o grau de malnutrição, as percentagens das crianças malnutridas e com base nisso, a província mandava apoio. Era um período de guerra e essa foi a parte da minha experiência profissional mais bonita que tive. Lindo, sim. Também porque ali, na província, havia uma equipe de trabalho fantástica. Nós conseguíamos ir aos distritos, ir às localidades, aldeias, a todo lado e tínhamos o pulso da situação. Claro, havia distritos ocupados pela RENAMO. Ali não se entrava, mas onde se podia... Íamos de avioneta, em muitos distritos, porque por via terrestre era perigoso.

**P: Qual era o cenário nos distritos?**

**MS:** Havia distritos extremamente pobres. Por exemplo, no norte da província, aquela parte de Tambara, em que realmente na área da nutrição era um desespero, porque nós podíamos fazer a reabilitação nutricional das crianças gravemente malnutridas no centro de saúde, mas sabíamos que logo que voltassem para a família, para casa, iam cair outra vez, porque não havia comida, era um terreno pouco fértil e havia ataques contínuos. As pessoas não conseguiam manter o ciclo das culturas.

Outras dificuldades, por exemplo: em Matchaze não havia água, literalmente. Os alemães tinham feito furos, mas as bombas tinham-se avariado. Então, a população cavava uma altura de cerca de um metro e ali juntava-se um pouco de água, cor de matope. Então, tiravam água com um copo e depois era preciso esperar para aquela cova encher outra vez. A água era aquela. Ali em Matchaze só se podia tomar chá, porque beber aquela água não era aconselhável.

**P: Em 1981 foi convidada para ir a Reggio Emilia por ocasião da visita do Presidente Samora. Que lembranças tem desse momento?**

**MS:** Naquela viagem fui indicada como intérprete do Presidente Samora, para os encontros oficiais. Então, fiz toda a viagem com ele, vi a Itália como pode ser vista por um presidente. Portanto, era diferente, mas foi muito interessante, porque assisti às conversações entre o Presidente da Itália que era o Presidente Pertini<sup>13</sup> e o Presidente Samora e depois fomos para Reggio Emilia. Ali também o Presidente Samora falou para todo Concelho Executivo da cidade e teve vários encontros. Depois fomos para Milão onde houve um mata-bicho de trabalho com empresários e pessoas da área económica, para dar a conhecer Moçambique, como país que podia

---

<sup>13</sup> **Alessandro Giuseppe Antonio Pertini**, conhecido como **Sandro** (Stella, 25 de Setembro de 1896 - Roma, 24 de Fevereiro de 1990), foi um político e jornalista italiano. Ele foi o sétimo presidente da República Italiana de 1978 a 1985, o primeiro socialista e único membro do PSI a ocupar o cargo. No período pós - I Guerra Mundial distinguiu-se por sua enérgica oposição ao fascismo o que lhe valeu várias condenações com penas de prisão.

ser um lugar para investimentos. Depois fomos para Veneza só para passear, para o Presidente Samora visitar uma cidade importante e bonita.

**P: Falou de mata-bicho, o que quer dizer? Pode desenvolver um pouco?**

**MS:** Bom, há almoços de trabalho, mas naquele momento por causa da organização da viagem foi um mata-bicho. Foi logo de manhã que houve esse pequeno-almoço de trabalho com esses empresários e ali houve essas conversas.

**P: Quem compunha a delegação moçambicana nessa viagem?**

**MS:** Nessa viagem como Ministros de então, estavam o Ministro Cabaço<sup>14</sup>, Óscar Monteiro<sup>15</sup> e o resto eram pessoas dos vários ministérios e da segurança. Não sei se esqueço alguém importante, mas penso que eram estes dois.

**P: Como é que analisa a relação entre Moçambique e a Itália no período pós-colonial no sector da Saúde?**

**MS:** Foi uma cooperação importante a Cooperação Italiana, sem dúvida. O envio de técnicos de um certo nível para aqui que apoiaram a Saúde e mais tarde os projectos de grande envergadura foram importantes. Eu trabalhei nos anos 2000 num projecto da Cooperação Italiana para a formação de quadros. Era um projecto muito importante, em que foram formados quadros à custa deste projecto e muito mais. Portanto, foi uma cooperação importante que, infelizmente, penso que está a diminuir um pouco, também porque a situação na Itália não é a melhor e a capacidade de apoio está diminuída, mas foi uma cooperação positiva.

**P: Pensa que houve mudanças significativas no estado geral da população moçambicana nos últimos trinta anos?**

**MS:** Houve muitíssimas mudanças, porque no tempo colonial poucas pessoas chegavam aos serviços de saúde e não eram tratadas de uma forma condigna. Depois da independência houve a nacionalização de todas as unidades sanitárias do país e, portanto, a população acorreu aos serviços de saúde aos milhares, porque, finalmente, sentiam que os serviços de saúde eram deles.

Foram feitas acções importantíssimas, como a primeira campanha nacional de vacinação, em que foram vacinadas crianças e adultos. Com esta campanha nós demos o nosso contributo para a erradicação da varíola no mundo. Depois iniciou o programa alargado de vacinação das crianças dos zero aos cinco anos, o que diminuiu a mortalidade infantil de uma forma espantosa, porque aqui, por exemplo, o sarampo era uma doença que fazia centenas de mortos.

Eu lembro-me no Hospital Central, nos primeiros anos, quando havia a epidemia de sarampo, a pediatria era assustadora, eram mortes e mortes e mortes e houve um médico, não me lembro quem foi, um médico italiano que ficou transtornado com isso, porque ele era pediatra e via as crianças morrerem e não sabia o que fazer, porque sarampo não tem cura. É preciso esperar que passe, ou tratar os sintomas. O programa de controlo de crescimento da criança, o facto de pesar

---

<sup>14</sup> José Luís Cabaço (Maputo, 10 de Agosto de 1941) licenciado em Ciências Sociais pela Università degli Studi di Trento, Itália em 1971 e Doutorado em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, em 2007, foi jornalista, militante da FRELIMO na clandestinidade e Ministro de Informação e dos Transportes no Moçambique pós-Independência.

<sup>15</sup> José Óscar Monteiro (Maputo, 1941) – Advogado, veterano da luta armada da Frelimo, foi representante da Frelimo na Argélia, participou nas negociações secretas com o Governo Português que conduziram ao Acordo de Lusaka e foi Ministro no Governo de Transição e no primeiro Governo de Moçambique Independente.



regularmente, de controlar a saúde da criança dos zero aos cinco anos mudou a vida, diminuiu a mortalidade infantil. O controlo das grávidas, consulta pré-natal, também não existia.

O problema grandíssimo... HIV, que ceifou muitas vidas e mudou a vida de muitas pessoas, sobretudo no tempo em que não havia tratamento. Quando eu trabalhei num projecto contra HIV, em Massinga, só se tratavam as doenças oportunistas, doenças que se aproveitavam da fraqueza da pessoa com HIV para matar. Isso diminuiu até a esperança de vida dos moçambicanos. Agora eu não tenho os números aqui, mas teve um impacto social muito importante o HIV, bom em todo mundo, mas aqui...

**P: Está aqui em Moçambique desde há muito tempo e acompanhou em grande parte o processo das negociações da paz e Acordos de Roma. Gostava de saber o que pode nos dizer em relação a estes Acordos de Paz de Roma?**

**MS:** Antes dos acordos de paz fui para Itália para os meus filhos estudarem, para acompanhar as crianças. Então, não vivi em Moçambique os primeiros anos depois dos acordos de Roma. Segui, mais ou menos, como pode seguir uma pessoa que está fora e que vê as notícias, que se informa, mas não foi uma vivência minha, em Moçambique, o tempo depois dos acordos de Roma. Foram um grande passo, porque apesar dos probleminhas que houve, essa paz foi duradoura, sim. Houve problemas com a Renamo, às vezes, na Gorongosa, mesmo depois dos acordos de paz, mas não se compara com a guerra dos dezasseis anos. Agora estamos a enfrentar outro problema lá no Norte, mas, digamos que trouxeram a paz.

**P: Está em Moçambique já há bastante tempo, teria alguma história interessante, diferente ou engraçada que tenha para nos contar que tenha vivido durante esse período que não esquece?**

**MS:** Há muitas histórias, mas aquela que talvez seja divertida, passa-se quando houve a nacionalização da saúde que foi um mês depois da independência, em 24 de Julho. Eu estava na Beira e no dia 25 de Julho telefona-me o Ministro da Saúde, Dr. Hélder Martins e disse: “Salghetti já começaram?” Eu respondi: “O quê?” “Mas não ouviste o comício?” “Sim, eu ouvi, nacionalização, eu ouvi nacionalização...” e comecei a rir. “Sim, mas estou a ver que sozinha já não consegue, então vou criar uma comissão”. Então, ali criou uma comissão na Beira: Dr. Patel que era Director do Instituto, eu, a enfermeira Balbina, do Instituto, o Dr. Serapião, médico moçambicano. Essa comissão tinha a tarefa de ir às várias unidades sanitárias privadas e nacionalizar. Eu perguntei: “O que é nacionalizar?” “Vocês têm que pedir a chave da unidade sanitária e depois dizer que a partir do dia seguinte, pode entrar qualquer pessoa.”

Pagava-se sete e quinhentos, para ser atendidos na Saúde, era sete escudos e cinquenta centavos, naquele tempo. Então, lembro-me de uma clínica toda bonita, privada, onde fomos e pedimos para falar com o Director. Estava ali o Dr. Patel que era o responsável da comissão e pediu-lhe as chaves que ele não queria dar. Nós éramos muito profissionais e dissemos: “É obrigado a dar as chaves, senão temos que chamar a polícia.” Então, ele deu as chaves, mas foi uma coisa um pouco surreal. Imaginem a dificuldade num país como este de criar do zero, praticamente, um novo sistema de saúde integrado.

Mesmo o Hospital Central por que foi criada a comissão de reestruturação? Porque havia dois hospitais lá dentro: havia o hospital da universidade para os brancos e o hospital indígena Miguel Bombarda. Eram separados. Os médicos eram diferentes, os enfermeiros eram diferentes. Então, tivemos que juntar o pessoal, juntar tudo e isso implica também os sentimentos dessas pessoas que

têm que mudar a maneira de trabalhar, a maneira de encarar o doente, a maneira de encarar o colega. Não foi fácil, mas mesmo assim eu posso orgulhar-me de ter nacionalizado algumas unidades sanitárias.

**P: Actualmente o que é que tem feito? Falou-nos da organização que tem em Magoanine, podia falar mais acerca disso?**

**MS:** Agora já há cinco anos que não trabalho com um trabalho fixo remunerado. Estou a trabalhar como voluntária numa associação comunitária na periferia de Maputo, num bairro chamado Magoanine B, associação que se chama Ndangwuine e que se ocupa de crianças e famílias vulneráveis. É uma associação cujo embrião nasceu há vinte anos, com um casal que decidiu acolher em casa crianças sem família, sem pais e depois decidiram alargar essa sua actividade a crianças que tinham família, mas famílias com problemas. Então, estamos ali, temos uma sede, um centro pequenino e temos crianças que vêm diariamente, de manhã e de tarde, conforme o turno escolar e recebem apoio escolar e fazem actividades de jogos, de desporto, de cultura, laboratórios. Antes não era uma associação, agora formou-se a associação em 2018. Então, decidimos alargar a nossa acção às famílias, não só às famílias dessas crianças que cuidamos, mas famílias vulneráveis do bairro. Visitamos as famílias e tentamos identificar as necessidades, os problemas que têm e tentamos apoiá-las a ultrapassar os seus problemas.

**P: Tem fotos desse processo que acompanhou nas bases, na visita com o presidente na Itália e por aí em diante?**

**MS:** Não tenho quase nada. Tenho duas fotos em Nachingwea, porque fui para lá passar o 25 de Setembro de 1974 e tenho uma foto da viagem a Itália com o Presidente Samora. Mas eu sei que existem fotos no arquivo da Frelimo, mas nunca fui lá. O fotógrafo Daniel Maquinasse<sup>16</sup> tinha-me dito para ir lá, porque havia fotos que não eram necessárias, em que eu estava e se eu quisesse podia levar, mas depois houve o desastre de Mbuluzi e Daniel Maquinasse faleceu. Nunca mais pensei em ir lá outra vez à procura das fotos. Nem sei onde é o arquivo da Frelimo. Deveria realmente ir lá ver, mas não tenho outras fotos. Também, não havia celulares para fazer fotos como agora, não era fácil.

**P: Pode nos indicar nomes de italianos que possamos contactar que nos possam dar mais subsídios sobre o processo de cooperação entre Moçambique e Itália, com alguma história para contar sobre essa cooperação?**

**MS:** Aqui temos o Dr. Giulio Borniolo que é pediatra e que trabalhou no Hospital Central. Ele está naquele centro atrás do Kaya Kwanga, aquele centro de saúde que tem casinhas de italianos. Entre todos os médicos italianos, é só ele, o único médico que ficou cá.

**P: Agora tenho uma última questão, mas é muito informal. Está há muito tempo em Moçambique, então qual é a comida moçambicana que mais gosta?**

---

<sup>16</sup> **Daniel Maquinasse** – Natural de Manica, foi incorporado no exército colonial em 1967, donde desertou um ano depois, juntando-se a Frelimo na luta da libertação nacional um ano depois. Depois de ter combatido em Cabo Delgado, foi afectado ao sector de Informação e Propaganda da Frelimo. Frequentou um curso de fotografia em Dar es Salaam e montou o primeiro laboratório de fotografia da Frelimo. A partir daí documentou fotograficamente cenas de guerra no interior do país, publicadas na “Voz da Revolução”. Documentou os vários eventos nacionais no pós-independência até falecer no mesmo acidente que vitimou o Presidente Samora Machel, em Mbuluzi, em 19 de Outubro de 1986. À data da sua morte era Major das FPLM.

**MS:** Eu gosto muito de frango à zambeziana e xiguinha de cacana, mas também o arroz de coco, a comida com coco. Mas uma coisa importante é que eu sou moçambicana e também sou italiana.

**P: Mas por que é que ficou em Moçambique a Maria Salghetti depois de tudo?**

**MS:** Como não ficar em Moçambique? É... não sei. Nos primeiros anos... eram os primeiros anos depois da independência, havia um entusiasmo, uma vida, um fermento aqui para reconstruir o país numa direcção socialista, com os valores do socialismo, de luta contra a exploração do homem pelo homem: “Somos todos iguais, todos temos que estudar, todos temos direito à saúde, a uma vida condigna” e portanto, estava tudo em construção, para concretizar esses ideais. Houve muitos erros, muitas coisas que foram mal feitas, mas a intenção era essa, penso que não houve erros graves.

Por exemplo, a Operação Produção, onde se transferiram das cidades as pessoas que não tinham trabalho, foram mandados para zonas longínquas. Isso foi terrível, morreram pessoas. Houve erros graves. Mesmo as aldeias comunais, as pessoas eram obrigadas a sair das suas casas para ir para a aldeia comunal, em certos casos, nem sempre, mas houve excessos. Mas a ideia geral era que não havia corrupção, não existia isso de pagar ao polícia, nem passava minimamente pela cabeça de ninguém, não havia essa coisa de ter amigos ou ter favores para entrar no hospital, não existia isso, era uma outra vida. Fazia-se trabalho voluntário de borla, aos sábados, domingos, limpezas das cidades, das ruas, das escolas, ninguém pedia nada. Era tudo feito assim, ficavam-se horas depois do trabalho sem pensar em nada.

**P: Em que momento mudou esta situação?**

**MS:** Eu penso que mudou nos anos em que eu não estava cá, sobretudo depois dos acordos quando houve a mudança da Constituição, multipartidarismo, investimentos estrangeiros muito fortes. Começou aí a mudança social. A guerra também estragou o tecido da sociedade, a guerra é terrível. Destruíram-se as famílias, as ligações das famílias, a vida, a cultura... não sei. O que vocês acham? Vocês são jovens. Depois da guerra não se conseguiram reconstruir valores, ficou tudo assim abandalhado.

Os jovens agora só têm o objectivo de ter uma boa vida, do ponto de vista económico, o objectivo é ter casa, carro, o que é legítimo, mas não tem por trás nenhum - ou tem pouco - objectivo do bem comum. Anteontem eu estive na Macaneta e havia tambores para o lixo diferenciados: plástico, papel, resíduos orgânicos. Os tambores estavam vazios e estava tudo cheio de lixo à volta. Não há nenhum sentido cívico. Há coisas que não se compreendem, não têm nenhum sentido. Não sei. Antigamente quando se via uma pessoa no chão deitada ia-se ao chefe do quartirão dali e dizia-se: “Está ali uma pessoa no chão.” Agora as pessoas passam ao lado, até passam por cima. Mudou muito.

É claro, há muitas pessoas que estão melhores, mas ainda são uma pequena minoria e penso que a pobreza está a aumentar. Na cidade há pessoas que não comem, ou comem arroz com cebola, uma vez por dia e o prejuízo é gravíssimo, porque as crianças não se desenvolvem devidamente. Como é que vão para a escola? A escola já tem sessenta crianças numa turma, depois não há mata-bicho, só comeu no dia anterior e tem oito anos, como é possível? Isso prejudica o futuro do país. Aquelas crianças são o futuro do país.